

Também o Japão forçou negociação

O governo japonês não escapou da ação orquestrada a nível internacional para pressionar o Brasil no fechamento do acordo para pagamento dos atrasados com os bancos credores. Ontem o diretor adjunto do Departamento de Assuntos Internacionais (Dain), Jorge Fagali, confessou que na primeira semana de fevereiro uma missão negociadora brasileira enfrentou um "ambiente horrível", quando as autoridades japonesas suspenderam as discussões de um empréstimo ao Brasil.

"A conversa dos senhores não é séria", acusou um dos negociadores japoneses. O representante do Ministério da Indústria e do Comércio do Japão foi quem revelou o motivo de tanta rispidez. Informou à delegação brasileira que a retomada das negociações só aconteceria depois do acordo com os bancos. Jorge Fagali, chefe da missão, constrangido com a recepção, ponderou que o Brasil estava procurando a melhor solução para a dívida externa e mantinha interesse em um bom relacionamento com o Japão.

Esse episódio foi apenas o prenúncio do que viria depois. No mês passado, o embaixador do Japão no Brasil, Harunori Kaya, preparou outra surpresa, recomendando que a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, não marcasse audiências com autoridades do governo japonês, durante sua estada no Japão, onde participou da as-



sembléia anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Há duas semanas, no entanto, o diretor do Dain, embaixador Clodoaldo Hugueney, recebeu a inesperada visita do embaixador Haunori, quando ele pretendia estimular reuniões com autoridades japonesas. A ministra não aceitou.

O motivo de toda a mudança de humor dos japoneses e do tenso clima nas relações entre os dois países ficou claro, segundo Fagali: As negociações com os bancos credores.

Fagali foi o responsável pela proeza de, em 15 dias, resolver pendências financeiras sérias com os japoneses.